

## O ovo de galinha

João Cabral de Melo Neto

Enviado por:

Publicado em : 14/11/2011 00:17:08

I

Ao olho mostra a integridade  
de uma coisa num bloco, um ovo.  
Numa só matéria, unitária,  
maciçamente ovo, num todo.

Sem possuir um dentro e um fora,  
tal como as pedras, sem miolo:  
é só miolo: o dentro e o fora  
integralmente no contorno.

No entanto, se ao olho se mostra  
unânime em si mesmo, um ovo,  
a mão que o sopesa descobre  
que nele há algo suspeito:

que seu peso não é o das pedras,  
inanimado, frio, goro;  
que o seu é um peso morno, túmido,  
um peso que é vivo e não morto.

II

O ovo revela o acabamento  
a toda mão que o acaricia,  
daquelas coisas torneadas  
num trabalho de toda a vida.

E que se encontra também noutras  
que entretanto mão não fabrica:  
nos corais, nos seixos rolados  
e em tantas coisas esculpidas

cujas formas simples são obra  
de mil inacabáveis lixas  
usadas por mãos escultoras  
escondidas na água, na brisa.

No entretanto, o ovo, e apesar

de pura forma concluída,  
não se situa no final:  
está no ponto de partida.

### III

A presença de qualquer ovo,  
até se a mão não lhe faz nada,  
possui o dom de provocar  
certa reserva em qualquer sala.

O que é difícil de entender  
se se pensa na forma clara  
que tem um ovo, e na franqueza  
de sua parede caiada.

A reserva que um ovo inspira  
é de espécie bastante rara:  
é a que se sente ante um revólver  
e não se sente ante uma bala.

É a que se sente ante essas coisas  
que conservando outras guardadas  
ameaçam mais com disparar  
do que com a coisa que disparam.

### IV

Na manipulação de um ovo  
um ritual sempre se observa:  
há um jeito recolhido e meio  
religioso em quem o leva.

Se pode pretender que o jeito  
de quem qualquer ovo carrega  
vem da atenção normal de quem  
conduz uma coisa repleta.

O ovo porém está fechado  
em sua arquitetura hermética  
e quem o carrega, sabendo-o,  
prossegue na atitude regra:

procede ainda da maneira  
entre medrosa e circunspeta,  
quase beata, de quem tem  
nas mãos a chama de uma vela.

A poesia acima foi extraída do livro "João Cabral de Melo Neto - Obra Completa", Editora Nova Aguilar - Rio de Janeiro, 1994, pág. 302.